

OS ESTIGMAS

Sinais da paixão de Jesus

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Crippa, Luca

Os estigmas : sinais da paixão de Jesus / Luca Crippa ; tradução de Juliana Maria Costa Teixeira. – São Paulo : Paulus, 2025.
(Coleção Milagres e prodígios)

Bibliografia

ISBN 978-85-349-5853-0

Título original: Le stimmate: i segni della passione

1. Igreja católica – História 2. Estigmatização 3. Santos católicos 4. Milagres
I. Título II. Teixeira, Juliana Maria Costa III. Série

25-3939

CDD 282.09

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja católica – História

Coleção MILAGRES E PRODÍGIOS

- *Milagres eucarísticos*, Luca Crippa
- *Os estigmas: sinais da paixão de Jesus*, Luca Crippa
- *Curas pela fé*, Andrea Sarto

Luca Crippa

Tradução:
Juliana Maria Costa Teixeira

OS ESTIGMAS

Sinais da paixão de Jesus



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Le stimmate: i segni della passione*

© 2021 Edizioni San Paolo s.r.l.

Piazza Soncino, 5 - 20092 Cinisello Balsamo (Milano) - ITALIA

www.edizionisanpaolo.it

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Luiza Tenuta,
Carlos Antônio S. Maia, Tiago Azevedo

Design

Julia Ahmed

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

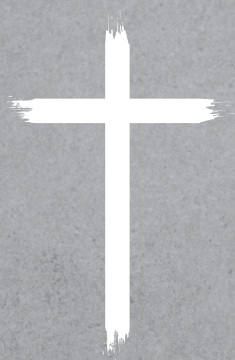
ISBN 978-85-349-5853-0

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
Milagre?	9
Instrumento de libertação – portanto, de cura e salvação.....	10
Uma condição que acompanha a história da santidade cristã.....	13
PRIMEIRA PARTE – SÃO FRANCISCO, PADRE PIO, NATUZZA EVOLO	19
São Francisco de Assis	21
Um evento a ser descrito com cuidado	21
O fruto de um confronto com Deus e com a Palavra que Ele dirige a todos.....	24
Estigmas... Que sempre existiram.....	28
O aspecto físico: Em que consistiam os estigmas de Francisco?	31
Como se comporta São Francisco “estigmatizado”?.....	33
Padre Pio de Pietrelcina	37
O fardo de uma vida.....	37
Nova fase: Padre Pio no convento, “protetor de almas” e ferido por Deus.....	41
Padre Pio: mentiroso e manipulador? Ou um histérico necessitado de cuidados psiquiátricos? Não: um santo	47

Natuzza Evolo.....	53
Heroica e simples	53
Vozes dos mortos, diálogos com Jesus e Maria, os estigmas	54
Um amor que “se expande”, que purifica o mundo... Que dá alegria!.....	55
A última Quaresma.....	58
Uma novidade importante: Como eram os estigmas de Natuzza?.....	60
SEGUNDA PARTE – TEXTOS.....	63
1. A manifestação do ser celestial a São Francisco	65
2. Homilia de São João Paulo II na celebração da canonização de Padre Pio de Pietrelcina (16 de junho de 2002).....	68
3. Carta integral de Padre Pio ao provincial padre Benedetto (24 de novembro de 1918)	72
BIBLIOGRAFIA.....	77

Introdução



Milagre?

Quando ouvimos a palavra “milagre”, nosso pensamento corre instintivamente para intervenções sobrenaturais que nos tragam benefícios. Vem-nos à mente, em primeiro lugar, a cura: assim ocorre nos Evangelhos, nos quais Jesus é um curador que gera muito falatório e suscita esperança em multidões de doentes; assim também ocorre nos Atos dos Apóstolos; ou em muitos episódios da história da Igreja e na vida dos santos; ou em Lourdes e em outros lugares de peregrinação e de culto.

Considerados sob esse ponto de vista, os estigmas parecem introduzir uma nota dissonante: aqui não se fala da alegria trazida pela cura, e, portanto, da libertação, mas de uma perda, embora parcial, da saúde, do bem-estar e até mesmo da paz.

É possível que um “milagre” faça “mal”?

Ficamos perturbados, perplexos: o crente sente-se questionado e teme perder o sentido da bondade, da mansidão e da ternura do Pai misericordioso sobre quem Jesus nos ensinou e testemunhou; o não crente sente-se autorizado a rejeitar o fenômeno justamente por sua forma e suas evidentes consequências.

Mas do que estamos falando?

Não consideremos o fenômeno tomando primeiramente os testemunhos de santos, pastores e teólogos. Os estigmas, de fato, são também fenômenos históricos e culturais: estão representados em muitas obras de arte; incrementam

a devoção pelos personagens que os receberam e os tornam figuras de referência para milhares de fiéis e objeto de curiosidade por parte da literatura, do cinema e do mundo da informação; foram analisados por médicos e psicólogos. É por isso que procuramos uma definição essencial desse milagre no vocabulário *Treccani*:

Estigmas [do latim *stigmata*; do grego *stigma*]. Em grego, o termo indicava a marca impressa a ferro no gado como sinal de propriedade ou mesmo em escravos fugitivos, muitas vezes como punição [...]. No vocabulário eclesiástico posterior, indica as chagas no corpo de Cristo como consequência da crucificação (nas mãos, nos pés e no lado), em torno das quais, a partir da Idade Média, desenvolveu-se culto particular. Daí o termo é usado na mística católica para designar o fenômeno da reprodução – temporária ou permanente, completa ou parcial – das chagas de Cristo (ou de outras consequências da paixão: feridas da flagelação ou da coroa de espinhos etc.) no corpo de alguns santos.

Temos a confirmação: trata-se de sofrimento. As feridas, as chagas e as dores de Cristo, descritas nos Evangelhos, “reproduzem-se” no corpo de alguns homens ou mulheres. Esses indivíduos não são considerados “santos” pela Igreja devido aos estigmas, mas estes, de certo modo, “completam” e “confirmam” o vínculo dessas pessoas com Jesus e sua paixão.

Instrumento de libertação – portanto, de cura e salvação

Para a fé cristã, entretanto, a paixão e morte de Jesus conduzem à ressurreição e, portanto, à salvação da humanidade, à sua “libertação” do medo da morte e do pecado.

Assim, o tema da “cura” nesse milagre não está apenas presente, mais é central: se não fosse pelo fato de serem o instrumento de libertação da humanidade de todo temor e dor, a lembrança, a devoção e (até mesmo) a participação nas chagas de Cristo não passariam de uma exibição de heroísmo autodestrutivo, de ódio ao corpo, de força de espírito vazia em si mesma.

Das próprias chagas de Cristo, ao contrário, origina-se – para o crente – toda a esperança para a humanidade.

Assim, na Bíblia, ensina o profeta Isaías (53,3-5):

Desprezado e rejeitado pelos homens, homem do sofrimento e experimentado na dor; como indivíduo de quem a gente esconde o rosto, ele era desprezado e nem tomamos conhecimento dele. Na verdade, são nossas doenças que ele carregou, são nossas dores que ele levou em suas costas. E nós achávamos que ele era um homem castigado, um homem ferido por Deus e humilhado. Mas ele estava sendo transpassado por causa de nossas transgressões, esmagado por nossos pecados. Caiu sobre ele o castigo que nos deixaria em paz, e por suas feridas é que nos veio a cura.

E essa profecia, que se refere ao “Servo de Javé”, que realizará a obra de salvação desejada pelo Senhor, completa-se – recordemos – com uma visão de glória, decorrente justamente da confiança do Servo em Deus, mesmo na dor inocente (Is 53,11-12):

Pelas amarguras suportadas, ele verá a luz e ficará saciado. Pelo seu conhecimento, meu servo justo devolverá a muitos a verdadeira justiça, pois carregou o pecado deles. Por isso, eu lhe darei sua parte nas

multidões, e com os poderosos repartirá o despojo, pois ele se entregou à morte e foi contado entre os pecadores, carregou os pecados de muitos e intercedeu pelos transgressores.

No Salmo 22,17, o orante lamenta-se por ser perseguido e diz: “Como leões me ferem as mãos e as pernas”; ainda em Isaías (1,6), encontramos um cântico que revisita a ruína de Jerusalém, que abandonou seu Deus e parece, por isso, sofrer uma punição (que, no entanto, é “purificadora”): “Da sola dos pés até o alto da cabeça, nada está sadio: contusões, ferimentos, chagas vivas, não espremidas nem atadas, nem aliviadas com pomada”; o profeta Zacarias anuncia qual será a última oportunidade de salvação para todos os culpados (12,10): “Quanto àquele que transpassaram, chorarão por ele como se chora pelo filho único”.

Todas essas palavras estavam bem presentes na memória e na meditação de Jesus nos Evangelhos: traços que indicam seu caminho para a cruz e, ao mesmo tempo, lhe conferem sentido, ou seja, significado e valor positivos.

O “milagre” dessas chagas, em Cristo e nos seus, se olharmos bem, é justamente essa “transformação” da dor – que por si só negaria qualquer perspectiva e afastaria o homem de Deus – em uma oportunidade. Mais ainda: na oportunidade de salvar toda a humanidade.

Pois é nessa dor evidente que Deus, em Jesus Cristo, vai se colocar onde todos os homens, de um modo ou de outro, acabam por passar. Essas chagas são tão “indispensáveis” para garantir a salvação, que o Ressuscitado ainda as traz em seu corpo “glorioso”, que entra “a portas fechadas”

na sala onde estão os apóstolos, mas é reconhecível como “Ele mesmo” apenas graças a essas feridas.

É célebre, a esse respeito, a “exigência” do discípulo Tomé, que estava ausente e depois presente em duas aparições sucessivas do Ressuscitado:

Mas Tomé, chamado Gêmeo, que era um dos Doze, não estava com eles quando veio Jesus. Os outros discípulos então lhe disseram: “Nós vimos o Senhor”. Tomé, porém, lhes disse: “Se eu não vir a *marca dos pregos* nas mãos dele, se eu não colocar meu dedo na *marca dos pregos*, e se não colocar minha mão no *lado ferido*, eu não acreditarei”. Depois de oito dias, os discípulos de Jesus estavam reunidos de novo; dessa vez, Tomé estava com eles. Estando trancadas as portas, chegou Jesus. Colocou-se no meio deles e disse: “A paz esteja com vocês”. Então disse a Tomé: “Estenda seu dedo até aqui e veja minhas mãos. Estenda sua mão e coloque-a em meu lado. Não seja incrédulo, mas tenha fé”. Tomé respondeu-lhe dizendo: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,24-28).

A “marca dos pregos” e o “lado ferido” são a “identidade” do Cristo Salvador. De algum modo, o cristão será também verdadeiramente “reconhecível” (e crível) apenas pelas feridas que ele suporta por amor a Deus e aos homens: amando mesmo quando não é reconhecido ou agradecido, e até quando é perseguido.

Uma condição que acompanha a história da santidade cristã

O primeiro cristão a nos falar, com grande descrição, dos “estigmas” é São Paulo. Em Gálatas 6,17, ele declara:

“De agora em diante, ninguém mais me crie dificuldades. Porque trago no meu corpo as marcas de Jesus”.

Essa sua declaração parece “confirmar” uma vida inteira disposta à dor e à humilhação, para testemunhar sua confiança em Cristo em todas as situações da vida (2Cor 6,3-10; 11,23-30):

Não damos a ninguém motivo de escândalo, para que nosso ministério não seja desacreditado. Pelo contrário, em tudo nos recomendamos como ministros de Deus: na grande perseverança, nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nas fadigas, nas vigílias, nos jejuns, na sinceridade, no conhecimento, na paciência, na bondade, por um espírito de santidade; no amor sem fingimento, na palavra da verdade e no poder de Deus; com as armas da justiça à direita e à esquerda, com a glória e o desprezo, com a boa e a má fama; como enganadores, porém verdadeiros; como desconhecidos, mas bem conhecidos; como agonizantes, e eis que vivemos; como punidos, mas não postos à morte; como tristes, porém sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como nada tendo, e tudo possuindo.

[...]

São ministros de Cristo? Como insensato eu digo: muito mais eu. Muito mais pelas fadigas, muito mais pelas prisões, infinitamente mais pelos açoites e pelos frequentes perigos de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Fui flagelado três vezes. Fui apedrejado uma vez. Naufraguei três vezes.

Passei um dia e uma noite em alto-mar. Quantas viagens com perigos em rios, perigos de ladrões, perigos por parte de compatriotas meus, perigos por parte das nações, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por estar entre falsos irmãos! Com fadigas e duros trabalhos, quantas noites sem dormir, com fome e sede! Quantos jejuns, com frio e sem roupa! E, além de tudo, minha preocupação cotidiana, o cuidado que tenho por todas as igrejas! Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraquejar? Quem tropeça, sem que eu também me sinta arder? Se é preciso orgulhar-se, é de minha fraqueza que me orgulharei.

Além de uma “total disponibilidade” do apóstolo Paulo, bem resumida em três frases célebres:

É o próprio Espírito que se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus. E, se somos filhos, somos também herdeiros: herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, uma vez que sofreremos com ele, para também com ele sermos glorificados (Rm 8,16-17).

Agora, eu me alegro de sofrer por vocês, e completo em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo em favor do seu corpo, que é a Igreja (Cl 1,24).

Estou crucificado com Cristo. E já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim (Gl 2,19-20).

Paulo une seus próprios sofrimentos aos de Cristo, suas feridas (também físicas) às dele. Dessa forma, ele anuncia que a vida cristã – que é uma vida de amor incondicional – tem seus “estigmas”, as “marcas de pertencimento” que a